

*Organizadores*  
*Margarida Maria de Carvalho*  
*Álvaro Moreno Leoni*  
*Natália Frazão José*

# **Impérios, Imperadores e Redes de Sociabilidade na Antiguidade**



*Organizadores*  
*Margarida Maria de Carvalho*  
*Álvaro Moreno Leoni*  
*Natália Frazão José*

# **Impérios, Imperadores e Redes de Sociabilidade na Antiguidade**



Margarida Maria de Carvalho  
Álvaro Moreno Leoni  
Natália Frazão José  
(Organizadores)

**IMPÉRIOS, IMPERADORES E REDES DE  
SOCIABILIDADE NA ANTIGUIDADE**

Editora CRV  
Curitiba – Brasil  
2023

## **Conselho Editorial:**

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)  
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)  
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)  
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)  
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)  
Carlos Federico Dominguez Avila (Unicuro)  
Carmen Tereza Velanga (UNIR)  
Celso Conti (UFSCar)  
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional Três de Febrero – Argentina)  
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)  
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)  
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)  
Élsio José Corá (UFFS)  
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)  
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)  
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)  
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)  
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)  
João Adalberto Campato Junior (UNESP)  
Josania Portela (UFPI)  
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)  
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)  
Lourdes Helena da Silva (UFV)  
Luciano Rodrigues Costa (UFV)  
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)  
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)  
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)  
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)  
Paulo Romualdo Hernandez (UNIFAL-MG)  
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)  
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)  
Simone Rodrigues Pinto (UNB)  
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)  
Sydione Santos (UEPG)  
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)  
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

## **Comitê Científico:**

Adriane Piovezan (Faculdades Integradas Espirita)  
Alexandre Pierezan (UFMS)  
Andre Eduardo Ribeiro da Silva (IFSP)  
Antonio Jose Teixeira Guerra (UFRJ)  
Antonio Nivaldo Hespanhol (UNESP)  
Carlos de Castro Neves Neto (UNESP)  
Carlos Federico Dominguez Avila (UNIEURO)  
Edilson Soares de Souza (FABAPAR)  
Eduardo Pimentel Menezes (UERJ)  
Euripedes Falcao Vieira (IHGRRGS)  
Fabio Eduardo Cressoni (UNILAB)  
Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)  
Jairo Marchesan (UNC)  
Jussara Fraga Portugal (UNEB)  
Karla Rosário Brumes (UNICENTRO)  
Leandro Baller (UFGD)  
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)  
Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (UNICENTRO)  
Luiz Guilherme de Oliveira (UnB)  
Marcel Mendes (Mackenzie)  
Marcio Jose Ornat (UEPG)  
Marcio Luiz Carreri (UENP)  
Maurilio Rompatto (UNESPAR)  
Mauro Henrique de Barros Amoroso (FEBF/UERJ)  
Michel Kobelinski (UNESPAR)  
Rafael Guarato dos Santos (UFG)  
Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol (UNESP)  
Sergio Murilo Santos de Araújo (UFCG)  
Simone Rocha (UnC)  
Sylvio Fausto Gil filho (UFPR)  
Valdemir Antoneli (UNICENTRO)  
Venilson Luciano Benigno Fonseca (IFMG)  
Vera Lúcia Caixeta (UFT)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

Copyright © da Editora CRV Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Designers da Editora CRV  
**Imagem de capa:** Da Biblioteca Pública de Nova York  
**Revisão:** Os Autores

---

IM34

Impérios, Imperadores e Redes de Sociabilidade na Antiguidade. / Margarida Maria de Carvalho, Álvaro Moreno Leoni, Natália Frazão José (organizadores) – Curitiba : CRV, 2023.  
432 p.

**Bibliografia**

ISBN Digital 978-65-251-4379-8

ISBN Físico 978-65-251-4378-1

DOI 10.24824/978652514378.1

1. História 2. Impérios – Imperadores 3. Sociabilidade I. Carvalho, Margarida Maria de, org. II. Leoni, Álvaro Moreno, org. III. José, Natália Frazão, org. IV. Título V. Série.

CDU 931 CDD 930

---

Índice para catálogo sistemático

---

1. História antiga - 930  
2023

Foi feito o depósito legal conf. Lei nº 10.994 de 14/12/2004  
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV  
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV  
Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)  
Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

# SUMÁRIO

## PREFÁCIO I

*Deivid Valério Gaia*

## PREFACIO II

*Diego Alexander Olivera*

## ESTADO-TAMPÃO OU CONCEITO-TAMPÃO? REVISITANDO A CONFIGURAÇÃO SOCIOPOLÍTICA NO EXPANSIONISMO IMPERIAL ASSÍRIO

*Leandro Penna Ranieri*

## NEGOCIANDO SOB IMPÉRIOS: sociabilidades judaítas na Babilônia (séculos VI-V a.C.)

*Marcelo Rede*

## LAS ESTRUCTURAS DE UN IMPERIO: Atenas y sus ciudades dependientes

*Julián Gallego*

## A ARKHĒ ATENIENSE: império e redes no mediterrâneo antigo

*Bruna Moraes da Silva*

*Fábio de Souza Lessa*

## REDES DE SOCIABILIDADE DA SICÍLIA ANTIGA: a malha viária grega e as conexões que perpassam as fronteiras

*Viviana lo Monaco*

## A HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO PELO OLHAR DE SEUS VIAJANTES: a construção de relatos etnográficos na Antiguidade

*Nathalia Monseff Junqueira*

## A LA SOMBRA DEL IMPERIO: líderes aqueos, interacción y redes de amistad con la dinastía antigónida (251-198 a.C.)

*Álvaro M. Moreno Leoni*

## POLITICS, POWER AND COURT MANAGEMENT IN THE REIGN OF PHILIP V OF MACEDON (221-213 BC)

*Emma Nicholson*

## IMPÉRIOS E IMPERADORES: Augusto e a criação do Império Romano

*Natália Frazão José*

## CALÍGULA, AGRIPA I E OS JUDEUS: entre conflitos, amizade e redes de sociabilidade

*Vagner Carneiro Porto*

## CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DAS REDES DE SOCIABILIDADE DE CLÁUDIO

*Paulo Sérgio Margarido Ferreira*

## CONEXÕES TRANSAARINAS NA ANTIGUIDADE: o fezã como espaço nodal entre o Saara e o Império Romano (séc. I a III d.C.)

*Belchior Monteiro Lima Neto*

## UNA APROXIMACIÓN AL HISTORICAL SOCIAL NETWORK ANALYSIS: visualización y caracterización de la red social del emperador Adriano

*Andrés Sáez Geoffroy*

O HISTORIADOR E O IMPERADOR: a construção da imagem de Heliogábalo analisada a partir da trajetória de Dião Cássio e de sua visão sobre as redes de sociabilidade imperial

*Semíramis Corsi Silva*

ORDEM SOCIAL E FRONTEIRA NOS ANOS FINAIS DO IMPÉRIO ROMANO: interações, conflitos e redes de sociabilidade na Britânia da Antiguidade Tardia

*Dominique Santos*

O MÉDICO ORIBÁSIO DE PÉRGAMO E A DIETA ALIMENTAR EM PROL DO IMPERADOR JULIANO (SÉCULO IV E.C)

*Margarida Maria de Carvalho*

VALENTINIEN III ET LE CLERGÉ D'OCCIDENT

*Olivier Huck*

ÍNDICE REMISSIVO

SOBRE OS AUTORES

# CALÍGULA, AGRIPA I E OS JUDEUS: entre conflitos, amizade e redes de sociabilidade<sup>1</sup>

Vagner Carvalheiro Porto

## O que era amizade no mundo romano

*Amicitia* é a palavra latina para amizade, seja entre indivíduos, entre o estado e um indivíduo ou entre estados. Era “um termo técnico da vida política romana” do século II AEC, quando, segundo Sêneca (*De Beneficiis*, 6.34), foi introduzido pelos populares Gaius Gracchus e Marcus Livius Drusus, que assim classificaram seus clientes (Purcell, 2012). Os clientes e aliados do estado romano eram chamados *amici populi Romani* (amigos do povo romano) e listados na *tabula amicorum* (mesa dos amigos). Essa *amicitia* não envolvia tratados ou obrigações recíprocas. Embora a *amicitia* entre indivíduos fosse, idealmente, uma amizade genuína, marcada por afeição mútua, na prática muitas vezes era mera aliança política. Formar e romper laços de *amicitia* era, portanto, altamente formal. Os *amici Augusti* (amigos de Augusto) formaram a corte na época imperial (SCULLARD; LINTOTT, 2012).

Não existe amizade romana “real”. Para que a *amicitia* fosse genuína, *beneficia*, como sinais de boa vontade, gratidão, confiança, solidariedade e carinho, eram indispensáveis e colocavam em jogo a reputação dos sócios. Algumas amizades eram muito íntimas; em outras, a afeição era mais uma questão de gostar do que de entusiasmar; outras ainda eram relações primordialmente instrumentais nas quais a afeição era acessória; outras eram principalmente agradáveis. A *amicitia* não era genuína sem boa vontade e preocupação, mas, pode-se dizer que era irreal a amizade em que a boa vontade e a preocupação não eram manifestadas por uma troca de *officia* (VERBOVEN, 2011, p. 11-12).

Às vezes, podem-se distinguir amizades que eram (mais) afetuosas de outras que eram (mais) instrumentais, mas simplesmente para distinguir entre amizade emocional e instrumental, muito menos para descartar uma ou outra como um anacronismo ou ilusão é ignorar a complexidade da amizade romana. A *amicitia* pressupunha uma relação de troca sujeita às regras da *gratia*, mas o vínculo nunca foi apenas uma relação de troca. Aquele que simplesmente deixou de devolver um presente era um ingrato; aquele que deixou de fazer isso como amigo era mau, ingrato, desleal e egoísta. O que devemos reconhecer, então, é que a amizade romana evoluiu continuamente em uma complexa teia de expectativas e obrigações (VERBOVEN, 2002, p. 35-48). Relações e interações específicas podem estar situadas em vários pontos das redes de sociabilidade, mas apenas a rede como um todo definiu as restrições e possibilidades inerentes na *amicitia*.

Outro aspecto importante que deve ser levado em consideração quanto à amizade entre os romanos é a sinceridade. Inevitavelmente, na amizade existia uma tensão entre os princípios do altruísmo e do interesse próprio. No entanto, as atitudes em relação a *beneficia* e *gratia* eram ambíguas, porque as mesmas ações poderiam ser motivadas por altruísmo ou interesse próprio. As normas de *amicitia* eram, portanto, inerentemente ambivalentes, tendo um lado psicológico interno (sentir boa vontade, sentir-se grato, confiar em, sentir afeto, cuidar da própria reputação) e um lado social externo (trocar *beneficia*, mostrar solidariedade, mostrar preocupação, viver de acordo com obrigações de alguém).

Insistia-se em voluntariedade e altruísmo, mas o sistema estava sujeito à manipulação. Não era difícil sustentar que “[apenas] pessoas vis ou estúpidas pensam que *beneficia* são presentes” (VERBOVEN, 2011, p. 12). E a imagem proverbial de presentes como isca no anzol de um pescador é comumente encontrada em autores como Marcial, Horácio e Plínio

(por exemplo, Marcial 5. 18. 7–10; Horácio, *Ep.*, 1. 7. 73; S. 2. 5. 25; Plínio, *Ep.*, 9. 30). As cartas de recomendação de Cícero contêm dicas frequentes sobre *gratia* e os favores que se espera serem devolvidos (por exemplo, *Fam.* 13. 65. 2; *Att.* 16. 16a. 5). E assim, no que pode ser chamado de estilo romano típico, o cálculo na amizade era geralmente desaprovado, embora comumente praticado. E, no final, a ênfase positiva na reciprocidade, reputação e status acrescentou estabilidade e peso consideráveis a amizades instrumentais ou emocionalmente superficiais.

No mundo romano, amizade e patronato também se entrecruzam. Trata-se de uma relação ambígua.

Apesar do ideal de igualdade prescrito para a amizade, algumas amizades eram muito desiguais. Além disso, tal desigualdade não se limitava a diferenças de status ou idade que inevitavelmente impunham um elemento de deferência no amigo “menor” ou mais jovem em relação ao amigo “maior” ou mais velho, mas também poderia resultar de diferenças de riqueza ou acesso a recursos, que afetava as possibilidades de troca de *officia*.

Uma característica típica da troca de presentes é que ela é competitiva. O destinatário de um presente ou favor que não pode retribuir torna-se moralmente vinculado. Nas palavras de Publilius Syrus, “Aceitar uma bondade (*beneficium*) é vender a sua liberdade” (VERBOVEN, 2011, p. 12). Se não for possível encontrar um equilíbrio, a amizade torna-se assimétrica. Richard Saller argumentou, portanto, que tais amizades “desequilibradas” poderiam ser mais corretamente chamadas de relações patrono-cliente (SALLER, 1989). Outros estudiosos rejeitam essa ideia e enfatizam a singularidade do mecenato romano como um fenômeno histórico e cultural (EILERS, 2002, p. 1-83).

O debate é confuso porque os dois lados tendem a usar conceitos diferentes de mecenato. Segundo Verboven (2011, p. 13-14), em sociologia, o mecenato denota um tipo específico de relação de troca, ou sistema, que ocorre de diferentes formas em diferentes contextos culturais. Os conceitos romanos de *patrocinium* (sendo um patrono) e *clientela* (clientela), entretanto, denotam um tipo específico de relacionamento interpessoal na sociedade e cultura romanas, com seus próprios símbolos, rituais e história. O conceito sociológico de patrocínio pode, portanto, fornecer uma perspectiva analítica para estudar o *patrocinium-clientela* romana, mas a construção cultural exclusivamente romana de *patrocinium-clientela* não pode ser reduzida à construção teórica de patrocínio “sociológico”. A contribuição da sociologia deve ser vista como estando na possibilidade de comparação transcultural e na análise da dinâmica social, não na redefinição de conceitos antigos.

Mas, mesmo assim, a dificuldade permanece. Exceto no caso do mecenato municipal ou colegiado, ou das relações patronos-libertos, o complexo patrocínio-clientela, apesar de sua especificidade cultural, não era uma relação formalmente definida. Todas as tentativas de postular ritos de iniciação formais para relações privadas patrono-cliente têm fracassado. Clientela era uma questão de confissão pública e submissão voluntária. Claro, a opinião social pode pressionar uma pessoa a aceitar o papel de cliente, e a ideologia do clientelismo prescrevia que o relacionamento não poderia ser rompido com honra; mas essas eram geralmente entendidas como restrições morais, não regras formais. Como a *amicitia*, o vínculo patrocínio-clientela implicava *benignitas*, *fides* e *gratia*. Inevitavelmente, a fronteira entre *patrocinium-clientela* e *amicitia* nunca foram tão claras. *Patrocinium-clientela* era uma questão de padrões de papéis que poderiam ser adotados, rejeitados ou (moralmente) impostos pela opinião pública. Cícero observa que os ricos e poderosos muitas vezes se recusavam a reconhecer que eram *beneficio obligati* (obrigados por um favor), porque temiam ser rotulados de clientes (*Cientes*, 2. 69).

O princípio da igualdade na amizade, então, não implicava igualdade social ou política, mas a irrelevância efetiva de tais desigualdades. Assim, *amicitia* e *clientela* não eram

mutuamente exclusivas, mas a linguagem da amizade era preferível à do clientelismo, que implicava inferioridade e dependência. Quanto maior era a desigualdade factual entre amigos, mais difícil era com credibilidade reivindicar um princípio de igualdade entre eles (VERBOVEN, 2011, p. 14).

### **A amizade entre Gaius Calígula e Agripa I e suas implicações políticas**

O reinado de Calígula coincide com um momento de grande rivalidade no seio da dinastia herodiana, que, na ocasião, eram todos reis clientes de Roma. Ou seja, a relação *Patrocinium-clientela* se fazia presente e forte nas relações entre os imperadores romanos e os reis orientais. De acordo com Flávio Josefo (*Bellum Iudaicum* II, 305-311), imediatamente após Gaius Calígula tornar-se imperador em 37 d.C., ele apontou seu amigo de infância Agripa, cunhado de Antipas, como rei no território formalmente governado por Felipe. A partir de então os planos de Antipas foram totalmente frustrados: não somente tinha deixado de receber o território de seu irmão Felipe, como também o tão esperado título de rei tinha sido conferido a Agripa (PORTO, 2007a, p. 173). Para reverter a situação, Antipas navegou até Roma para reivindicar um reino ao Imperador. Agripa não perdeu tempo e enviou a seu amigo Calígula uma carta contendo reclamações contra Antipas, acusando-o de preparar um golpe contra os romanos. Gaius Calígula acreditou nas acusações contra Antipas e, assim, além de não elevar a categoria de Antipas, destituiu-lhe de seus territórios (Judeia, Samaria e Idumeia) depondo-o no ano 39 d.C. e banindo-o para a Gália (Josefo, *Antiquitates Iudaicae* XVIII, 7.2). Sua tetarquia passou, dessa forma, para Herodes Agripa I (PORTO, 2007a, p. 59).

A viagem de Antipas a Roma em 39 d.C. foi minuciosamente narrada por Flávio Josefo. Este destacou que entre os presentes de Antipas ao imperador estava uma série de moedas (Figura 1) nas quais ele mandou cunhar a inscrição em grego, “em honra de Cesar Gaius Germanicus” (Josefo, *Antiquitates Iudaicae*, XVIII, 240-242; PORTO, 2007a, p. 173; MESHORER, 2001, p. 83). Este ato adulator de nada adiantou, essas foram as últimas moedas que Antipas produziu, apesar de todos os seus esforços, ele passou o resto de sua vida no exílio em Lion, na Gália.

**Figura 1 – Moeda de bronze emitida em 39 d.C. em Tiberíades, Galileia, por Herodes Antipas**



Nota: Anverso: Palmeira com sete palmas. Legenda em grego: HPWDOY TETRAXOY (de Herodes, o tetarca). Data no campo direito: LKG (YEAR 43 = 39 d.C.). Reverso: coroa de louros. Legenda do reverso em grego: GAIW / KAICAPI / GERMA / NIKW, que significa: “em honra de Cesar Gaius Germanicus”. Fonte: PORTO, 2007b, p. 276. Roman Provincial Coins I 4934; A Treasury of Jewish Coins 91.

A intervenção de Calígula, permitiu que Herodes Agripa se tornasse rei de um território tão grande quanto o de seu avô, Herodes Magno e concedeu-lhe outras honras, incluindo o

título *amicus caesaris*<sup>2</sup> (amigo de César).

Político habilidoso, Agripa era amigo de Roma, judeu observante e amigo dos fariseus. Começou a construção da terceira muralha de Jerusalém, que tornaria a cidade simplesmente inexpugnável. Contudo, não pôde concluí-la, pois o imperador, alertado pelo governador da Síria, proibiu-o de continuar a obra. Agripa I morreu repentinamente no ano 44 d.C., em Cesareia Marítima (PORTO, 2007a, p. 59).

## **Fricção entre Calígula e os judeus**

Durante o curso de seu reinado (Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus, ou simplesmente Calígula, reinou de 12 a 41 d.C.<sup>3</sup>), Calígula enfrentou uma série de contendas envolvendo os judeus, não apenas na Judeia, mas em diversos lugares ao longo do Mediterrâneo.

O *levante de Jacó e Simão*, por exemplo, revolta instigada na Judeia romana pelos irmãos Simão e Jacó entre 46 e 48 d.C. concentrou-se na Galileia, e atingiu o seu clímax em 48 d.C. O levante foi rapidamente reprimido pelas autoridades romanas e os dois irmãos executados. Mesmo tendo ocorrido alguns anos após a deposição de Calígula, os germens desta e de outras revoltas tiveram, no período deste imperador, seu ponto de fricção mais elevado.

A crise sob Calígula (37-41 d.C.), que envolveu principalmente a intenção do imperador em erigir uma estátua sua no interior do templo judaico, a qual nos ateremos mais adiante, foi proposta como a “primeira ruptura aberta entre Roma e os judeus”, embora os problemas já fossem evidentes durante o Censo de Quirino<sup>4</sup> em 6-7 d.C. e sob Sejano<sup>5</sup> (antes de 31 d.C.). O reinado de Gaius Calígula testemunhou a primeira ruptura aberta entre os judeus e o Império Romano. Segundo H. H. Ben-Sasson (1976, p. 254-256), “até o apogeu de Sejano e os problemas causados pelo censo após o banimento de Arquelau, havia, geralmente, uma atmosfera de compreensão entre os judeus e o império”. Segundo este autor, essas relações se deterioraram seriamente durante o reinado de Calígula e, embora depois de sua morte a paz tenha sido restabelecida externamente, uma consternação considerável permaneceu em ambos os lados (BEN-SASSON, 1976, p. 254-256).

As *Antiguidades Judaicas* de Josefo (*Antiquitates Judaicae* XVIII), afirmam que havia três principais grupos dissidentes judaicos naquela época: os fariseus, os saduceus e os essênios. Os zelotas eram um “quarto grupo”, fundado por Judas da Galileia (também chamado de Judas de Gamala) no ano 6 d.C., a propósito da reforma tributária de Quirino. Segundo Josefo, os zelotas “concordam em todas as outras coisas com as noções farisaicas; mas eles têm um apego inviolável à liberdade, e dizem que Deus deve ser seu único governante e Senhor” (Josefo, *Antiquitates Judaicae* XVIII, 1.6).

As informações sobre o levante de Jacó e Simão indicam que a revolta eclodiu na Galileia, então parte da província romana da Judeia. As fontes (Josefo, *Antiquitates Judaicae* e *Bellum Judaicum*; Mishná *Tohorot*) indicam que a revolta foi motivada por sentimentos antirromanos e impulsionada pelos zelotas. Dezoito anos após os acontecimentos da revolta na Galileia, toda a província da Judeia se revoltou contra Roma, no que ficou conhecido como a Primeira Grande Revolta<sup>6</sup> dos judeus contra os romanos.

De acordo com Schürer (1985, p. 303), a crescente revolta judaica contra a ocupação romana foi, com frequência, atribuída ao sempre vivo espírito nacionalista judaico e à sua constante fé na libertação messiânica, mas historicamente estava condicionada e ocasionada pela inabilidade dos procuradores e até mesmo de alguns imperadores. Calígula, nesse contexto, proclamara-se deus e obrigara todas as províncias, inclusive a Judeia, a cultuá-lo, oferecendo-lhe sacrifícios. Quando os judeus se recusaram a cultuá-lo, foram perseguidos tanto na diáspora (em Alexandria, como na narrativa de Filo e Josefo) como na Judeia e

demais províncias. A propósito da diáspora segue abaixo o mapa (Figura 2) com a presença de judeus ao redor do Mediterrâneo.

Figura 2 – Mapa mostrando a diáspora judaica no século I d.C.



Fonte: PORTO, 2007a, p. 209.

Em 38 d.C., os judeus que viviam em Alexandria enfrentaram uma série de pogroms<sup>7</sup> iniciados pelo gramático grego e antisemita Apion de Alexandria<sup>8</sup>. Filo de Alexandria nos legou a informação de que Flaco<sup>9</sup> permitiu que uma multidão erguesse estátuas de Calígula nas sinagogas judaicas de Alexandria, uma provocação sem precedentes (*Flaccus* VI, 43, 53-56). Essa invasão das sinagogas muito provavelmente foi acompanhada por forte resistência, pois Filo então escreve que Flaco “estava destruindo as sinagogas, e não deixando nem mesmo seu nome” (*Flaccus* VI, 62, 68). Em resposta, Flaco então “emitu um aviso no qual nos chamou a todos de estrangeiros... permitindo que qualquer um que estivesse inclinado a proceder ao extermínio dos judeus como prisioneiros de guerra que o fizesse” (*Flaccus* IX, 68, 71-72). Filo diz que, em resposta, a multidão “expulsou os judeus inteiramente de quatro quartos e os amontoaram em uma porção muito pequena... enquanto a população, invadindo suas casas desoladas, começou a saquear e dividir o butim como se o tivessem obtido na guerra” (*Flaccus* IX, 68, 71). Além disso, Filo diz que seus inimigos, “mataram a eles e a milhares de outros com todos os tipos de agonia, torturas e crueldades recém-inventadas, pois onde quer que encontrassem ou avistassem um judeu, eles o apedrejaram ou espancavam com varas” (*Flaccus* IX, 72). Filo ainda diz: “o mais impiedoso de todos os seus perseguidores, em alguns casos, queimaram famílias inteiras, maridos com suas esposas e crianças pequenas com seus pais, no meio da cidade, sem poupar a idade, nem a juventude, nem a impotência inocente das crianças”. (*Flaccus* IX, 68, 71-72). Alguns homens, diz ele, foram arrastados para a morte, enquanto “aqueles que fizeram essas coisas, imitaram os sofredores, vilipendiando-os, como se estivessem a atuar na representação de farsas teatrais” (*Flaccus* IX, 72). Outros judeus foram crucificados. Flaco acabou sendo removido do cargo, exilado e finalmente executado.

Segundo Misano (2020b), essa perseguição ia contra a proteção garantida aos judeus pela dinastia ptolomaica antes que o Egito caísse sob o domínio romano. Mesmo depois que o Império Romano se estabeleceu no Egito, o imperador Augusto havia garantido aos judeus a continuidade de tal proteção.

Uma embaixada judaica liderada por Filo foi a Roma na tentativa de mostrar ao imperador Calígula o que estava a ocorrer em Alexandria e, assim, tentar convencê-lo de os ajudar. De acordo com Misano (2020b), quando a embaixada chegou a Roma, tiveram que esperar quinze meses por uma audiência com o imperador. Calígula os recebeu nos Jardins de Mecenas, belos jardins de estilo helenístico-persa que corriam ao longo do Monte Esquilino. A reputação do imperador deixou Filo e seu séquito preocupados, dada a reputação do imperador (MISANO, 2020b). Daniel W. Leon (2016, p. 59) faz uma reflexão interessante ao afirmar que pode realmente haver certa tensão neste tipo de interação, mas que, ao se depararem com a fisionomia do imperador, conseguiriam distingui-la das diversas imagens estáticas de Calígula presentes em estátuas e moedas que já eram conhecidas por eles. Esse fato, de certa maneira, poderia ter sido utilizado pela comitiva em seu benefício.

Questionados por Calígula sobre quão dedicados estavam os judeus à sua divindade, Filo respondeu que ele e seus companheiros judeus haviam observado todos os procedimentos corretos, oferecendo sacrifícios ao imperador, como era costume no culto imperial. Calígula concordou, mas respondeu que, embora isso fosse feito em seu nome, na verdade eles haviam feito sacrifícios a seu Deus (MISANO, 2020b).

De acordo com Ken Laffer (2005), pode-se observar claramente pela documentação escrita (conforme Filo de Alexandria relata em sua *Embaixada para Gaius*) que Calígula não estava preocupado com os judeus quando estes apelaram para ele. O desinteresse do imperador é mostrado em sua maneira e atitude em relação aos judeus, e também pelo fato de que as questões levantadas na embaixada não foram resolvidas durante o seu reinado. Segundo Filo, o ataque aos judeus, que fora arquitetado pelos gregos alexandrinos em 38 d.C. com o consentimento do governador romano Flaco, como vimos, não parece ter afetado a situação dos judeus de Roma. Da mesma forma, segundo Josefo (*Antiquitates Iudaicae*) a insistência de Calígula de que sua estátua fosse erigida no Templo de Jerusalém parece não ter tido efeito significativo em Roma (LAFFER, 2005, p. 26-28).

O episódio da tentativa de profanação do templo judaico por Calígula amplificou exponencialmente todos os atritos já existentes entre judeus e romanos. Em algum momento entre 39 e 40 d.C., Calígula enviou ordens a Petrônio, governador da província romana da Síria, para que este erigisse uma estátua sua dentro do Templo de Jerusalém, usando toda a força militar necessária para cumprir suas ordens (MISANO, 2020a), e caso os judeus não aceitassem, Petrônio deveria condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante da população (Josefo, *Bellum Iudaicum* II, 184-186; também LOBIANCO<sup>10</sup>, 1999, p. 169-170).

De acordo com Misano, antes mesmo de partir da Síria, Petrônio se viu confrontado por uma infinidade de judeus que protestavam, implorando ao governador que reconsiderasse. Quanto mais a notícia das ordens de Calígula se espalhava, mais a reação de judeus de todo o Império Romano se fazia sentir (MISANO, 2020a).

Segundo Filo de Alexandria, quando Herodes Agripa I ouviu o que o imperador planejava fazer, ele ficou tão impactado que sofreu uma crise nervosa que o paralisou (*Embaixada para Gaius* 203-337). Apesar disso, Agripa teria conseguido se recuperar rápida e completamente o suficiente para escrever uma carta urgente ao imperador implorando-lhe que não levasse adiante seus planos (MISANO, 2020a). Misano nos diz que Petrônio não demonstrou qualquer pressa em marchar da Síria para Jerusalém e instalar a estátua do imperador no interior do templo judaico (MISANO, 2020a). A aposta de Petrônio valeu a pena. O tempo

que o governador ganhou com a procrastinação provou ser suficiente para que o imperador mudasse de ideia, embora não esteja claro porque exatamente Calígula retrocedera de sua decisão (MISANO, 2020a). Segundo Ben-Sasson, somente com a morte de Calígula, pelas mãos de conspiradores romanos, evitou-se a eclosão de uma guerra judaico-romana que poderia muito bem ter se espalhado por todo o Oriente (BEN-SASSON, 1976, p. 254-256).

O politicamente astuto, o *legatus* Petrônio percebeu que tal ato iria amplificar sobremaneira as tensões já flagrantes entre romanos e judeus sob o governo de Calígula, pois o judaísmo proíbe a adoração de ídolos. Uma passagem da Mishná<sup>11</sup> censura a adoração de estátuas que segurem qualquer coisa em suas mãos, seja um pássaro, um cajado ou uma esfera (*Abodah Zarah* 3.1), objetos estes usualmente comuns nas mãos das estátuas romanas. A Mishná é um tanto ambígua, embora o denominador comum desses objetos sejam os símbolos de poder. É provável que a época em que a Mishná foi escrita, durante o auge do Império Romano, exigisse tal ambiguidade. Mas o Talmude Babilônico, que foi escrito mais tarde, é mais direto, destacando que as estátuas imperiais feitas para adoração como os ídolos deveriam ser evitadas (MISANO, 2020a). Os judeus podiam oferecer sacrifícios em nome do imperador, como disse Filo à Calígula que o faziam, quando estes se encontraram em Roma. O que não podiam era dar a ele as mesmas honras dadas a um deus. A diferença é crucial e foi a fonte da contenda entre Calígula e os judeus. De fato, quando Filo conheceu Calígula durante sua embaixada, ele assegurou ao imperador que ninguém superava os judeus na lealdade à casa imperial, expressa com “orações, preparação de ofertas votivas e quantidade de sacrifícios, não apenas em festivais gerais, mas que também o faziam diariamente” (Filo, *Embaixada para Gaius* II-III).

Sobre o tema da adoração e sacrifícios ao imperador, Price (1984) observa que havia “uma distinção crucial entre sacrifícios ‘para’ e sacrifícios ‘em nome do imperador’”. Price acrescentou que o imperador acusou os judeus de serem não-adoradores de Deus, que se recusaram a reconhecer sua divindade. Os gregos de Alexandria, opositores e perseguidores dos judeus, acusaram naturalmente estes de não terem oferecido sacrifícios à Calígula. Os judeus negaram veementemente, assinalando que haviam feito diversos sacrifícios ao imperador.

Claramente, a delegação judaica temia parecer não apoiar o imperador. Dada a reputação de Calígula, isso teria sido imprudente tanto para a delegação quanto para a causa deles. Price também observou que fontes literárias, por vezes, deixam claro que sacrificar a um homem era tratá-lo como um deus. Essa distinção também é crucialmente pressuposta por pronunciamentos imperiais sobre sacrifícios, pois, Tibério, Calígula e Cláudio proibiram todos os sacrifícios a si mesmos, embora Gaius Calígula posteriormente invertesse essa política. Price (1984) comentou ainda que o sistema judaico de sacrifício acomodava facilmente o imperador, desde que ele não fosse Calígula. O início da grande revolta de Roma em 66 d.C. simbolizou a cessação de tais sacrifícios.

Os cristãos, também os judeus, não podiam e não violariam seu monoteísmo considerando qualquer imperador como um deus, e essa atitude certamente os destacou na sociedade romana como cidadãos que não apoiavam práticas religiosas romanas. Os cristãos não tinham interesse em acomodar qualquer imperador quanto a questões religiosas, mas eles oravam pelo imperador.

Como vimos, Calígula exigiu que uma estátua sua fosse colocada no Templo. Petrônio, legado da Síria, tentou dissuadi-lo de seus propósitos, resultado: recebeu ordem do Imperador para se suicidar, ou seja, foi condenado à morte. Calígula foi assassinado em 41 d.C., e Cláudio, seu sucessor, dispensou os judeus do culto ao Imperador, salvando também a vida de Petrônio.

## Calígula e os governantes orientais: caminhos para a governabilidade

Apesar da aparente ambiguidade de Calígula no trato para com os judeus de Alexandria e judeus e não-judeus que habitavam as regiões da Síria e Judeia-Palestina, ora mostrando-se indulgente, ora revelando-se deveras autoritário, observamos tratar-se, na verdade, de esferas diferentes de relações que precisam ser separadas e compreendidas em campos distintos. Com a população judaica, seja de Alexandria, seja de Jerusalém, Calígula sempre demonstrou desprezo e desagrado com estes, principalmente pelo fato de jamais assumirem sua adoração ao imperador como este assim o desejava. Desta forma, não existe ambiguidade aí, trata-se de um descontentamento explícito. Em relação aos não-judeus que habitavam a porção oriental do Império Romano, como os habitantes da costeira Ascalon (cf. localização no mapa, Figura 5), o relacionamento era bastante diferente, em que pese o fato de o posicionamento de neutralidade e mesmo pró-romano de Ascalon nos conflitos locais terem suscitado a simpatia de Calígula. Em sua magnanimidade, Calígula permitiu aos habitantes de Ascalon baterem moedas ininterruptamente durante seu governo, inclusive, não se opondo a que estes representassem no campo reverso de suas moedas, sua principal divindade local. Em contrapartida, os magistrados de Ascalon fizeram questão de imprimir a efígie de Calígula no anverso de suas moedas. Enfim, uma relação equilibrada, pautada na reciprocidade política e econômica de ambos.

A situação que envolve a relação entre Calígula e Agripa I é *sui generis*, pois envolve um rei judeu que viveu sua infância e juventude na casa imperial de Roma sob proteção de Tibério e nutrido grande amizade – leia-se *amicitia* – de Calígula<sup>12</sup>. A concessão a Agripa de grande parte da região da Judeia-Palestina por Calígula, fez dele um rei cliente fiel a Roma e ao imperador romano (relação *patrocinium-clientela*). Agripa emitiu diversas moedas em diversas cidades sempre fazendo questão de homenagear Calígula e sua família, principalmente sua esposa, filha e irmãs, como veremos mais adiante. Neste caso, a governabilidade de Calígula vincula-se à liderança de um rei local devotado, que promove o equilíbrio econômico e político das regiões sob seu domínio. Da parte de Agripa, a governabilidade reside no agradecimento a Roma *lato sensu* e à Calígula *stricto sensu*, observáveis principalmente nas homenagens ao imperador e ao Império Romano expressas por este em suas moedas. Digna de nota é a habilidade de Agripa em manter a paz junto à elite sacerdotal judaica e entre a população judaica em geral, considerando os tantos desagravos que determinadas atitudes de Calígula provocaram entre os judeus, como pudemos observar.

Somam-se às suas hostilidades para com os judeus as inúmeras atitudes repreensíveis de Calígula ao longo de seu reinado. A postura pouco virtuosa de Calígula legou à posteridade a notoriedade de ser um dos mais mal afamados imperadores que Roma já teve. Entretanto, sobre a reputação negativa de Gaius Calígula que nos chegou, importante considerar que homens que escreveram a história de seu reinado certamente tinham suas próprias motivações ao difamarem Calígula em seus textos (Dando-Collins 2019). Muitas vezes se sentiram humilhados com o quão impotentes e redundantes eles e seus colegas senatoriais haviam se tornado à sombra do recém-estabelecido papel do imperador (MISANO, 2020b). Em vez de se retratarem como subservientes, valeram-se do poder de sua oratória e dos fiéis amigos escritores para escreverem uma história que melhor os conviesse (DANDO-COLLINS, 2019).

## A relação imperial com o Oriente: Calígula e os governos locais vistos a partir das moedas

No contexto dessa governabilidade, interessante observar que mesmo impondo aos judeus o culto ao imperador e tendo uma relação bastante desarmoniosa, Calígula permitia que em muitas cidades emissoras de moedas, aliadas, naturalmente, representassem elementos da cultura, economia e religião local. Neste contexto, fica bastante evidente a relação *patrocinium-clientela* estabelecida por Calígula nos governos locais e a relação de *amicitia* existente com Agripa.

A representação do templo de Fanebal<sup>13</sup> em Ascalon (Figura 3), assim como as muitas representações do próprio deus local (Figura 4), mostram como os habitantes dessa cidade davam grande importância para seus cultos locais e como vários imperadores romanos que passaram pelo poder não interferiram na representação de Fanebal sobre as moedas. Destaca-se que, em Ascalon, além das moedas produzidas à época do imperador Calígula, o deus Fanebal, seu templo e atributos também são registrados nas moedas produzidas sob outros imperadores romanos como Tibério, Nero, Vespasiano, Trajano e Adriano.

**Figura 3 – Reverso de moeda de bronze batida em Ascalon com a representação do templo de Fanebal contendo quatro portões subsequentes**



Fonte: MESHORER, 1985, p. 111; PORTO, 2007a, p. 112.

**Figura 4 – Moeda de bronze batida em Ascalon à época de Calígula**



Nota: Anverso: busto laureado de Calígula, virado para a direita. Legendas de anverso em grego: CEBACTOC. Reverso: deus da guerra Fanebal em pé, à direita, vestindo quiton curto. Tipos secundários de reverso: arpão, escudo e palma. Legendas de reverso em grego: AC. Fonte: PORTO, 2007b; 50. Rosenberger 95.

Ascalon dista 80 km de Jerusalém, distância suficiente para que os não-judeus de Ascalon (população com histórico de boas relações com o Império Romano e com Calígula)

contrastassem dos judeus habitantes da não tão distante Jerusalém. O que motivou a população<sup>14</sup> de Ascalon a prestar uma homenagem à Calígula estampando sua imagem no anverso de suas moedas? O que levou Calígula a permitir a veiculação deliberada de um deus local nos reversos das moedas desta cidade?

Ascalon tem um histórico de cidade livre e autônoma e importante porto marítimo desde antes da conquista da região por Alexandre, o Grande no século IV a.C. Entre os séculos II e I a.C., esta cidade tinha relações amigáveis principalmente com o reino hasmoneu e o reino herodiano da Judeia. Herodes, o Grande, que se tornou um rei cliente de Roma sobre a Judeia e seus arredores em 30 a.C., não havia recebido de Roma a cidade de Ascalon, mas há registros de que ele construiu edifícios monumentais nessa cidade: casas de banho, fontes elaboradas e grandes colunatas (NEGEV *et al.*, 1976). Importante mencionar que a cidade permaneceu leal a Roma durante a Primeira Grande Revolta dos judeus contra os romanos de 66–70 d.C.

Durante todo o período de ocupação romana na região, Ascalon esteve entre as cidades que mais emitiram moedas, batendo moedas ininterruptamente do governo de Augusto até o tempo de Maximino. As emissões de Ascalon tiveram seu início por volta de 375 a.C. e foram até 235 d.C., ultrapassando mais de seiscentos anos de cunhagem contínua (Porto, 2007a: 110). Creio que a longa trajetória de autonomia desta cidade, somada ao bom relacionamento com Roma desde os primeiros contatos, ajudem a explicar por que, à época de Calígula, o relacionamento deste com a cidade se manteve estável e recíproco.

Calígula vincula-se também às moedas produzidas em duas cidades da Judeia-Palestina que pretendo apresentar a seguir. São elas Tiberíades<sup>15</sup> e Baniás<sup>16</sup> (ver mapa, fig. 5, abaixo). Em ambas as cidades, tratam-se de moedas batidas por Agripa I, aquele velho amigo de Calígula, rei cliente de Roma. Agripa produziu suas primeiras moedas em Baniás em 38 d.C., depois de ter recebido a cidade de Calígula, logo após a morte de Felipe. As moedas traziam o título do imperador e, pela primeira vez, sua efigie também. Tratarei das moedas de Baniás na sequência, antes, quero apresentar duas moedas que Agripa I cunhou na cidade de Tiberíades.

Figura 5 – Mapa da antiga Síria e Judeia-Palestina com destaque para as três cidades cujas moedas são discutidas no texto: Ascalon, Tiberíades e Baniás



Fonte: Adaptado de: <https://bitlybr.com/goTrRiOm>.

Agripa recebeu os territórios que pertenciam a Antipas em 39 d.C. Lembremo-nos que Antipas navegou até Roma para reivindicar um reino à Calígula, mas sua empreitada não foi bem-sucedida, pois Agripa foi célere e enviou a seu amigo Calígula uma carta contendo reclamações e acusações contra Antipas; no final, Antipas, além de perder seus territórios para Agripa, fora exilado na Gália. Neste contexto, Agripa, agora senhor de Tiberíades, cunhou uma série de moedas em 41 d.C. (quinto ano de seu reinado) para continuar a série de moedas que ele havia cunhado inicialmente em Baniás. A série inclui quatro valores. A moeda (fig. 6, abaixo) traz no anverso o busto laureado de Gaius Calígula, virado para a esquerda. A legenda, em grego, diz Gaius Caesar Augustus Germanicus. O reverso desta moeda apresenta Calígula (Gaius Germanicus) em pé conduzindo uma quadriga e segurando um cetro. A legenda de reverso, escrita em grego diz ΝΟΜΙΣ ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΓΡΙΠΠΙΑ (uma moeda do rei Agripa).

Figura 6 – Moeda de bronze batida em 40/41 d.C., em Tiberíades, por Agripa I



Nota: Anverso: busto laureado de Calígula, à esquerda. Legendas de anverso em grego: ΓΑΙΩ ΚΑΙΣΑΡΙ ΣΕΒΑΣΤΩ ΓΕΡΜΑΝΙΚΩ (Gaius Caesar Augustus Germanicus). Reverso: Germanicus, em pé em quadriga decorada. Tipos secundários de reverso: Nike à direita de Germanicus (Calígula) e cetro. Legendas de reverso, em grego: ΝΟΜΙΣ ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΓΡΙΠΠΑ (uma moeda do rei Agripa); no exergo, ΛΕ (ano 5 = 40/41 d.C.). Fonte: PORTO, 2007b, p. 278; MESHORER, 2001, p. 116.

Além da referência ao amigo Calígula imprimindo sua efigie e seu nome, Gaius Germanicus<sup>17</sup> no anverso, Agripa destaca a presença triunfal<sup>18</sup> de Calígula em uma quadriga no reverso da mesma moeda, ou seja, o rei judeu Agripa homenageia Calígula nos dois lados desta moeda. Esta moeda traz também uma rara referência à palavra *nomisma*, que neste reverso aparece de forma abreviada e que significa moeda em grego<sup>19</sup>. Importante também observar como a conquista romana da região não diminuiu a força da língua e da cultura grega, como podemos observar nas legendas contidas no anverso e reverso desta moeda (Figura 6). Os séculos de presença e domínio grego na região, desde a chegada de Alexandre, o Grande, passando pelos reis selêucidas, permitiram que não apenas os romanos mantivessem o uso da língua grega em muitas esferas da vida social e política da Síria e Judeia-Palestina, mas possibilitaram que a cultura grega se mantivesse embrenhada nas entranhas da vida cultural das cidades e dos povos que ali habitavam.

A outra moeda produzida por Agripa I em Tiberíades que queremos tratar neste capítulo (Figura 7, abaixo) mostra no anverso a quarta e última esposa de Calígula, Milônia Cesônia<sup>20</sup>, com seu cabelo formando uma longa trança. A legenda do anverso, escrita em grego ΚΑΙΣΩΝΙΑ ΓΥΝΗ ΣΥΝΗ ΣΕΒΑΣΤΟΥ significa: “Caesonia esposa de Augusto”. O Reverso traz a criança Drusila Menor, filha única de Calígula, em pé, virada para a esquerda. Nike está sobre a palma da mão de Drusila; em sua mão esquerda, segura ramos de louro. A legenda do reverso em grego ΔΡΟΥΣΙΛΛΑ ΘΥΓΑΤΡΙ ΣΕΒΑΣΤΟΥ significa: “Drusilla, filha de Augusto Calígula”. Esta série atesta a *amicitia* entre Agripa I, Calígula e família imperial.

Infelizmente para Cesônia e Drusila Menor, seus destinos estavam inexoravelmente ligados ao de Calígula. Como vimos, Calígula foi assassinado no início de 41 d.C. por oficiais descontentes de sua própria Guarda Pretoriana<sup>21</sup>.

**Figura 7 – Moeda de bronze emitida por Agripa I entre 40 e 41 d.C. em Tiberíades, Galileia**



Nota: Anverso: busto de Cesônia (*Caesonia*), esposa de Calígula, à esquerda. Legendas em grego: ΚΑΙΣΩΝΙΑ ΓΥΝΗ ΣΥΝΗ ΣΕΒΑΣΤΟΥ (*Caesonia*, esposa de Augusto). Reverso: Drusila, filha de Calígula, em pé, à esquerda. Nike sobre a palma da mão de Drusila. Ramos de louro na mão esquerda de Drusila. Legendas de reverso em grego: ΔΡΟΥΚΣΙΛΛΑ ΘΥΓΑΤΡΙ ΣΕΒΑΣΤΟΥ (*Drusilla*, filha de Augusto Calígula). No campo, data: LE (ano 5 = 40/41 d.C.). Fonte: PORTO, 2007b, p. 279; MESHORER, 2001, p. 117, 231.

De acordo com Suetônio, quando Calígula se casou com Cesônia, ela não era bonita nem jovem, e já era mãe de três filhas do primeiro casamento. Suetônio a descreve como uma mulher extravagante e irresponsável, a quem Calígula, apesar disso, amava com paixão e fidelidade (Suetônio, *The Lives of Twelve Caesars, Life of Caligula*, 25).

Segundo Díon Cássio, os dois se relacionaram por algum tempo antes de se casarem, no final de 39 d.C. ou no início de 40 d.C., e que a escolha da noiva pelo imperador foi impopular (Díon Cássio, *Historia Romana*, 23). O satirista Juvenal sugere que a loucura de Calígula foi o resultado de uma poção do amor administrada a ele por Cesônia (Juvenal, *Satires* VI.615-20). O fato é que, apesar de toda a construção negativa da imagem de Cesônia pelos autores romanos, ela está retratada nas moedas que Agripa mandou cunhar em Tiberíades; isso nos diz muito sobre a importância dessa mulher para o imperador e para o Império Romano.

Como um dos reis clientes de Roma, Agripa I cunhou moedas, incluindo edições destinadas a homenagear e anunciar sua estreita *amicitia* com Roma. Interessante observar a habilidade política de Agripa I ao empregar um importante conjunto de tipos iconográficos romanos, helenísticos e judaicos em suas moedas ao longo de seus territórios, refletindo o caldeirão de culturas que ele próprio experienciou, seja em Roma, enquanto jovem, seja na porção Oriental do Império, como governante.

A última moeda em que nos detemos neste capítulo (Figura 8) é datada de 38 d.C., e foi emitida por Agripa I em Baniás (*Caesarea Philippi*), cidade também conhecida como Panias, por ser associada, como vimos na nota 16, ao culto do deus grego Pã.

**Figura 8 – Moeda de bronze emitida por Agripa I em 38 d.C. em Baniás (*Caesarea Philippi*), Traconítides**



Nota: Anverso: busto de Gaius Calígula, à esquerda. Legendas em grego: ΓΑΙΩΣ. No campo esquerdo, data: LB (ano 2 = 38 d.C.). Reverso: as três irmãs de Calígula em pé: Agripina, Drusila e Júlia Lívila. Lívila, à esquerda, apoia-se em uma coluna. Legendas em grego: ΙΟΥΛΙΑΔΡΟΥΣΙΛΛΑ ΑΓΡΙΠΠΙΝΑ. Fonte: PORTO, 2007b, p. 337; MESHORER, 2001, p. 117, 230.

O Anverso desta moeda bastante gasta apresenta o busto de Gaius Calígula virado para a esquerda. A legenda do anverso traz simplesmente a palavra GAIUS. O reverso chama-nos muito a atenção, pois o rei Agripa apresenta as três irmãs de Gaius Calígula: Agripina, Drusila e Júlia Lívila, todas em pé (DAHMEN, 2010, p. 108). Lívila, à esquerda, apoia-se em uma coluna; as três irmãs seguram, também, uma cornucópia. Este reverso segue claramente o padrão monetário de um tipo similar emitido anteriormente em Roma (Figura 9).

**Figura 9 – Moeda de bronze (*Æ Sestécio*) emitida em Roma por Gaius Calígula entre 37 e 38 d.C.**



Nota: Anverso: Cabeça laureada de Calígula à esquerda. Legenda em latim: C CAESAR AVG GERMANICVS PON M TR POT. Reverso: As três irmãs de Calígula em pé: Agripina (como *Securitas*), Drusila (como *Concordia*), e Júlia Lívila (como *Fortuna*). Legenda em latim: AGRIPPINA DRVSILLA IVLIA S C. Fonte: RIC I 33.

Agripina, Drusila, e Júlia Lívila, figuram como pequenas estátuas de culto, vestindo quítion e himation gregas ao invés da *stola*, vestimenta tradicional das matronas romanas (WOOD, 1995, p. 461). As irmãs seguram os atributos das personificações divinas *Securitas*, *Concordia*, e *Fortuna*, respectivamente, e formam uma tríade harmoniosa. O agrupamento convida a comparações com triunviratos masculinos de gerações anteriores, contudo, analogias mais apropriadas são feitas com as Horas<sup>22</sup> (*Horae*), as Parcas<sup>23</sup> (*Parcae*) ou as Graças<sup>24</sup> (*Gratiae*). A associação das três personificações com as irmãs e por extensão com Calígula teria a mesma força que a inclusão das irmãs nos juramentos públicos, associando as irmãs ao futuro da dinastia e do império (WOOD, 1995, p. 461).

Em qualquer caso, as imagens nesta moeda – da mesma forma que a inclusão dos nomes das irmãs em juramentos públicos e cerimônias religiosas – serviu como um lembrete da posição das irmãs dentro da dinastia imperial e seu papel em garantir o futuro do Império. Entre as três irmãs, Drusila é amplamente descrita como a favorita de Calígula. Após a morte de Drusila, Calígula a deificou, dando-lhe o título póstumo de Panteia, semelhante a denotá-la como a deusa universal de Roma<sup>25</sup>. Pela primeira vez uma mulher romana era deificada (apesar da opinião pública popular, Tibério se recusou a honrar sua mãe Livia dessa forma). O nome e o rosto de Drusila permaneceram como Diva Drusila Panthea.

Da moeda produzida em Roma para a moeda emitida em Baniás, temos uma distância geográfica considerável, por um lado, pois estamos a tratar de uma extremidade à outra do Mar Mediterrâneo. Por outro lado, verifica-se uma distância cronológica de poucos meses entre a emissão de Roma e a de Baniás. Este exemplo mostra muito bem como os padrões iconográficos presentes nas moedas de período romano circulavam com extrema velocidade pelo Mediterrâneo e eram absorvidos por lideranças locais com grande presteza.

Nesta moeda (Figura 9) produzida em Roma por Gaius Calígula, vemos a fidelidade com a qual Agripa I busca emular<sup>26</sup> seus elementos iconográficos. Nela, pode-se notar que o imperador optou por combinar seu próprio retrato no anverso, selecionando para o reverso um tipo iconográfico dedicado à sua família. O imperador tinha muitas maneiras de comunicar suas mensagens para as províncias, mesmo à distância. Neste quesito, as relações de *patrocinium-clientela* estabelecidas e, neste sentido, os reis clientes do Oriente, como Agripa, atuaram com energia para que a imagem do imperador fosse vastamente difundida. Uma variedade enorme de monumentos, esculturas e moedas carregavam uma imagem consistente do imperador e davam forma humana a uma fonte de poder e autoridade que a maioria das pessoas nunca veriam pessoalmente (LEON, 2016, p. 49). Como resultado, os contornos e características de um “bom” imperador seriam reconhecíveis quase a todos, uma rara experiência compartilhada que transcendeu fronteiras geográficas e culturais (FEJFER, 2008). Calígula é conhecido por se interessar particularmente pela promoção de uma imagem visual de si mesmo, dentro e fora de Roma, como uma fonte divina e poderosa de estabilidade, paz e prosperidade (LEON, 2016, p. 49). Os reis clientes do Oriente, como Agripa, sabedores dessa característica de Gaius Calígula, decisivamente atuavam de modo a promover a imagem pretendida pelo imperador (o que inclui retratar sua esposa, filha e irmãs) em suas longínquas terras. Dessa forma, obteriam as benesses almejadas, mantendo seu *status quo* de reis junto a seus súditos e, deixando o imperador satisfeito, aplacariam quaisquer possibilidades de ira do governante máximo romano.

Em contraste com as moedas que apresentamos neste capítulo que foram produzidas em Tiberíades e Baniás por Agripa I, outro grupo de moedas de bronze de Agripa combinou legendas em grego com elementos tradicionais da iconografia judaica, como espigas de trigo, folha de parreira ou dossel. Produzidas em Jerusalém, essas moedas eram expressões de seu papel como defensor da fé e tradição judaica (DAHMEN, 2010, p. 108). A governabilidade de Agripa I dependia desta sua habilidade no trato com judeus e com romanos, e as imagens impressas nas moedas eram um meio importante para se expressar seu jeito de governar.

## Considerações finais

Este capítulo buscou em seu início apresentar o conceito de *Amicitia* entre os romanos antigos, trazendo à tona a *beneficia*, como sinais de gratidão, boa vontade, confiança, solidariedade e mesmo carinho. Mostramos que as atitudes em relação a *beneficia* e *gratia* possuíam certa ambiguidade, porque as mesmas ações poderiam ser motivadas por altruísmo ou interesse próprio.

Vimos também que, na Roma Antiga e em suas províncias, a lógica da amizade e do patronato também se entrecruzam e que, assim como a *amicitia*, também tratavam-se de uma relação ambígua. Vimos que os conceitos romanos de *patrocinium* (sendo um patrono) e *clientela* (clientela), atravessavam o Mediterrâneo e pautava as relações políticas da Judeia-Palestina, nosso objeto de estudo neste capítulo. Assim como a *amicitia*, vimos que o vínculo patrocínio-clientela implicava *benignitas, fides e gratia*.

Este capítulo versou também sobre a capacidade política de romanos – personificados na figura do imperador Calígula – em lidar com diversos grupos políticos existentes na Síria e Judeia-Palestina, aqui exemplificados pelo relacionamento de Gaius com a cidade de Ascalon e com Tiberíades e Banias. Versou também sobre a capacidade política dos magistrados locais e de reis clientes, como é o caso dos habitantes de Ascalon e de Agripa I, em lidar com a multiplicidade cultural, religiosa e política dos inúmeros grupos que coabitavam essas terras, e como, em meio a esta diversidade toda, lidavam com o Império Romano. Quisemos mostrar como a moeda pode se converter em um importante documento de análise, sem dúvidas, em diálogo constante com as fontes textuais de época. A análise dos tipos iconográficos principais e secundários das moedas, das legendas de anverso e reverso, do contexto de produção e uso destes pequenos objetos, podem nos fornecer relevantes informações para entendermos cada vez mais como se deu a relação política e econômica de romanos com as populações orientais.

Apesar do difícil gênio de Calígula, podemos dizer que essas manobras políticas nos colocam à frente da impressionante capacidade do Império Romano de trabalhar ideologicamente com a política, economia, cultura e religião destes povos, a partir da política de concessão do direito de bater moedas e da escolha das imagens que este pequeno objeto haveria de absorver e conseqüentemente disseminar. Ao mesmo tempo, precisamos valorizar muito a também impressionante sagacidade das autoridades locais em perceber esse “jogo” dos romanos e, mergulhados nesse contexto, fazer prevalecer sua cultura e a cultura de seu povo (PORTO, 2007a, p. 231).

A intenção deste capítulo foi demonstrar a lógica de relações existentes entre os não judeus de Ascalon e Roma e as relações estabelecidas por Agripa com o governo de Calígula. Primeiro chamando a atenção para as narrativas na documentação textual do período, depois mostrando as moedas produzidas em Ascalon e nas cidades de Tiberíades e Banias. Pudemos observar que havia um intercâmbio dinâmico no Mediterrâneo, com uma grande movimentação de ideias, representações e materialidade que fluíam de Leste a Oeste e vice-versa, intensamente.

---

1 Este capítulo é inspirado no artigo *Calígula e as moedas da Judeia-Palestina: entre governabilidade e expressões locais* e em minha tese de doutorado *Imagens monetárias na Judeia-Palestina sob dominação romana*.

2 Amigo de César era um título em certa medida formal para um membro do círculo informal de cortesãos que estava entre os principais conselheiros do imperador (HORST, 2003, p. 91).

3 O texto *Calígula, loucura, tirania e poder, ou não?* de Felipe Silva e Pedro Paulo Funari de 2019 traz uma discussão relevante sobre Calígula e a construção histórica deste imperador romano. O recém-publicado livro do historiador e escritor australiano Stephen Dando-Collins *Calígula: the mad emperor of Rome* (2019), também apresenta uma detalhada biografia de Calígula que trata de desmitificar algumas das inverossímeis histórias que giram em torno do Imperador.

4 *Censo de Quirino* denomina o censo realizado em 6 ou 7 d.C. nas províncias romanas da Síria e Judeia. O censo fiscal decorreu durante o reinado de Augusto (27 a.C.–14 d.C.) (GRUEN, 1996, p. 156-157), quando Públio Sulpício Quirino foi nomeado *legatus* (governador da Síria) após a expulsão de Herodes Arquelau da Tetrarquia da Judeia e da imposição da administração direta romana (Ben-Sasson 1976: 246, 274). De acordo com Flavio Josefo (*Antiquitates Iudaicae* XX, 5, 2), os judeus reagiram negativamente a esse censo. A maioria foi convencida a cumpri-la por Joazar, filho de Boeto, o sumo sacerdote de Israel, mas alguns se juntaram a uma rebelião liderada por Judas da Galileia (BROWN, 1977, p. 552). O relato da Natividade de Jesus no Evangelho segundo Lucas refere-se a este censo (Lucas 2, Lucas 2: 1-5).

5 Lucius Aelius Sejanus (20 a.C. a 31 d.C.), comumente conhecido como Sejano foi um soldado ambicioso, amigo e confidente do imperador romano Tibério. Equestre de nascimento, Sejano subiu ao poder como integrante da Guarda Pretoriana, da qual foi comandante desde 14 d.C. até sua morte em 31 d.C. Filo de Alexandria afirma que Sejano era antissemita e planejava destruir

completamente a população judaica (*Flaccum* I,1; e *Legatio XXIV*, 159-161). Tibério, mesmo não sendo muito favorável aos judeus descobriu que Sejano muitas vezes fabricava acusações contra estes, então, em 32 d.C., o imperador emitiu um decreto em todo o Império para que judeus não fossem maltratados.

- 6 Em minha tese de doutorado (PORTO, 2007a, tomo I, cap. 3), discuto longamente sobre a Primeira Revolta dos Judeus contra os romanos e suas implicações para a região.
- 7 Termo pogrom tem múltiplos significados, o mais comum se refere a perseguição de minorias, mais usualmente um grupo étnico ou religioso. No caso dos judeus, em iídiche, o termo é פּאָגראַם.
- 8 Daniel W. Leon (2016) nos apresenta que o ano 38 d.C. viu uma erupção de violência perpetrada em Alexandria por gregos contra judeus decorrentes de tensões políticas que vinham crescendo há algum tempo. Segundo este autor, as principais fontes para entender estes eventos são dois tratados históricos do filósofo judeu Filo, *Contra Flaccus* e *Embaixada para Gaius*.
- 9 Aulus Avilius Flaccus foi um membro da ordem equestre romana nomeado *praefectus* ou governador do Egito Romano de 33 a 38 d.C. (BASTIANINI, 1975, p. 271). Seu governo coincidiu com os distúrbios contra a população judaica de Alexandria em 38 d.C. (MODRZEJEWSKI, 1997, p. 165). De acordo com alguns relatos, incluindo o de Filo, Flaco foi responsável pela crueldade contra os judeus durante esses eventos (Filo, *Flaccus* VI-IX, 43, 53-56, 62, 66, 68, 71-72).
- 10 Luís Eduardo Lobianco, em sua dissertação de mestrado *O Outono da Judéia (Séculos I A.C. – I D.C.). Resistência e guerras judaicas sob o domínio romano – Flávio Josefo e sua narrativa*, mostra-nos a ambiguidade presente na obra de Flávio Josefo: flutua seus argumentos ora inclinando-se a um favorecimento à romana, ora, sutilmente, defendendo o ponto de vista judaico.
- 11 A Mishná (em hebraico משנה, "repetição", do verbo שנה, "shanaḥ, "estudar e revisar") é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torá Oral. Provém de um debate entre os anos 70 e 200 d.C. por um grupo de sábios rabínicos conhecidos como 'Tanaim' e redigida pelo Rabino Judá HaNasi, que terminou sua obra no ano de 189 d.C. (SKOLNIK; BERENBAUM, 2007).
- 12 Marcus Julius Agrippa, ou mais comumente Agripa I (11 a.C. – 44 d.C.), foi enviado para viver em Roma por seu avô, Herodes, o Grande, após a execução de seu pai. Na corte imperial, Tibério nutriu uma grande afeição por ele, e o educou ao lado de seu filho Druso e do futuro imperador Cláudio (MASON, 1867, p. 77-78). Com a morte de Druso, Agripa, que, segundo Flávio Josefo, tinha sido imprudentemente extravagante e estava profundamente endividado, foi obrigado a deixar Roma, fugindo para a fortaleza de Malatha na Idumeia (*Antiquitates Iudaicae* XVIII 7, 2).
- 13 Até pouco tempo, o entendimento do que seria essa estrutura representada nas moedas estava na obscuridade. Só mais recentemente com a descoberta de uma moeda de Antonino Pio descobriu-se tratar da estrutura de um templo de Fanebal visto de dentro para fora. A cornija egípcia, as colunas largas no meio, os *uraei* (singular, *uraeus*, adorno egípcio em forma de serpente), e a viga superior denotam a influência da arquitetura egípcia. Talvez esta estrutura de templo incomum remeta-se ao 'serifa em Ashqelon', um dos cinco templos permanentemente 'idólatras' mencionado no Talmude (Aboda Zara 11b *apud* MESHORER, 1985, p. 28; PORTO, 2007a, p. 112).
- 14 Leia-se elite local composta pelos magistrados que eram os responsáveis pela emissão das moedas.
- 15 Tiberíades é uma cidade israelense na costa ocidental do Mar da Galileia. Estabelecida por volta de 20 d.C., tem em seu nome uma homenagem ao segundo imperador do Império Romano, Tibério (Josefo, *Antiquitates Iudaicae* XVIII, 2.3). Entre os séculos II ao X, Tiberíades foi a maior cidade judaica da Galileia, centro político e religioso dos judeus em Israel e local de grande confluência de pessoas, principalmente graças à fama de suas termas. Em um texto que escrevi em 2020 (Porto, 2020: 8), discuto, a partir de uma moeda (MESHORER, 1985, p. 78; PORTO, 2007b, p. 287) as propriedades medicinais das fontes termais de Hammat Tiberias, pequena cidade imediatamente vizinha à Tiberíades incorporada por esta. Muitos estudiosos da Antiguidade destacaram as propriedades curativas de suas fontes. Dentre eles destaco Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, V. 71) e Flávio Josefo (*Bellum Iudaicum* II, 614; IV, 11; *Antiquitates Iudaicae* XVIII 36; *Vita* 85).
- 16 A cidade de **Banias** (árabe: بانيس الحولة; hebraico: בניאס) teve diversos nomes ao longo de sua história. Um deles foi **Panias**, em virtude do culto do deus Pã nesta localidade. A primeira menção da cidade antiga durante o período helenístico foi no contexto da Batalha de Panium, travada por volta de 200-198 a.C., quando o nome da região foi dado como **Panion**. Mais tarde, Plínio chamou a cidade de **Paneas** (Πανειάς). A cidade foi mencionada nos Evangelhos de Mateus e Marcos com o nome de **Caesarea Philippi** (NEGEV; GIBSON, 2001, p. 382-383). Agripa II refundou a cidade em 61 d.C., chamando-a **Neronias**, em homenagem ao imperador Nero (PORTO, 2007a, p. 190). A cidade está localizada no sopé do monte Hermon, nas colinas de Golã, a cerca de 150 km ao norte de Jerusalém e cerca 60 km a sudoeste de Damasco. Os arqueólogos descobriram um santuário dedicado a Pã e divindades relacionadas, e os restos de uma antiga cidade fundada algum tempo depois da conquista por Alexandre, o Grande e habitada até 1967.
- 17 Quando era um menino de apenas dois ou três anos, Gaius acompanhou seu pai, Germânico, em campanhas no norte da Germânia (Suetônio *The Lives of Twelve Caesars, Life of Caligula*, 9). Os soldados acharam engraçado ao verem Gaius vestido com uma roupa de soldado em miniatura, incluindo botas e armadura. Ele logo recebeu um apelido carinhoso, Calígula, que significa "botinha (de soldado)" em latim, em homenagem às botinhas (*caligae*) que ele usava.
- 18 A dissertação de Mestrado *A Memória Triunfal nas Cunhagens de Augusto* (2021) de Ivan Grecco de Vasconcelos, discute a partir da documentação numismática, arqueológica e histórica, a materialidade e a espacialidade do triunfo romano em muitas de suas variáveis.
- 19 Segundo a professora Maria Beatriz Borba Florenzano, *nomisma* é a palavra grega que designava na Antiguidade o objeto moeda. Provindo da raiz nem/nom, este é um termo que se relaciona a *nomos*, que significa convenção, lei (FLORENZANO, 2004, p. 67-68). *Nomisma* é a palavra que a sociedade grega convencionou nomear o dinheiro *lato senso* e a moeda *stricto senso*.
- 20 De acordo com Michel Amandry *et al.* (2014: 61), a identificação como Cesônia nesta moeda, observada na leitura do *Roman Provincial Coinage (RPC)*, é rejeitada por N. Kokkinos, em seu texto *Antonia Augusta: Portrait of a Great Roman Lady* (Londres, 1993), p. 101-103, 265-267. Este autor sugere tratar-se de Antonia.

- 21 As fontes antigas nos legaram informações sobre o envolvimento de Agripa I na luta pela ascensão de Cláudio, a Guarda Pretoriana e o Senado romano, após o assassinato de Calígula em 41 d.C. O quão grande foi o papel de Agripa é incerto; as várias fontes divergem. Díon Cássio simplesmente escreve que Agripa cooperou com Cláudio em sua tentativa de governar. Flávio Josefo nos dá duas versões. Em *A Guerra Judaica (Bellum Iudaicum)*, Agripa é apresentado apenas como um mensageiro para um Cláudio confiante e enérgico. Mas em *Antiguidades Judaicas (Antiquitates Iudaicae)*, o papel de Agripa é central e crucial: ele convence Cláudio a enfrentar o Senado e convence o Senado a não atacar Cláudio (SCHWARTZ, 1990). Depois de se tornar imperador, Cláudio deu a Agripa o domínio sobre a Judeia e Samaria e concedeu-lhe a *ornamenta consularia* (insígnia consular que concedia o estatuto consular a quem o detivesse) e, a seu pedido, deu o reino de Cálcis no Líbano a seu irmão, Herodes de Cálcis. Assim, Agripa se tornou um dos reis mais poderosos do Leste.
- 22 As Horas constituíam, na mitologia grega, um grupo de deusas que presidiam sobre as estações do ano. Filhas de Zeus e Têmis, elas personificavam a ordem do mundo e originalmente eram três: Eunomia (Εὐνομία, "legalidade") representa a legalidade, a boa ordem, as leis cívicas; Irene (Εἰρήνη, "paz") representa a paz; e Dice (Δίκη, "justiça") representa a justiça (MURRAY, 1997, p. 78;102).
- 23 As Parcas são divindades do destino. Em número de três, Átropo, Cloto e Láquesis são representadas como fiandeiras na mitologia romana, imbuídas de regular a duração da vida desde o nascimento até a morte. Átropo fiava a vida, Cloto a enrolava e Láquesis a cortava, quando a existência de um ser chegava ao fim (SILVA, 2008, p. 19).
- 24 As Graças ou Cártes, na mitologia grega, são as deusas do banquete, da concórdia, do encanto, da gratidão, da prosperidade familiar e da sorte, ou seja, das graças. Eram normalmente consideradas filhas de Zeus com Eurinome. Porém, outras versões do mito as colocam como filhas de Zeus com Eunomia, filhas de Dioniso, de Hera, e até do deus-sol, Hélios. O nome de cada uma delas varia nas diferentes lendas. Na *Ilíada* de Homero aparece uma só Cárte, *Aglaia*. Apesar das variações regionais, o trio mais frequente é: Tália (Θαλία ou Θάλεια) – a que faz brotar flores; Eufrosina (Εὐφροσύνη) – o sentido da alegria; esposa de Hipnos; e Aglaia (Ἀγλαία) – a claridade; esposa de Hefesto (HANSEN, 2004, p. 152).
- 25 Segundo os historiadores Suetônio e Díon Cássio, Calígula tentou divinizar a irmã Drusila e, para conseguir isso, subornou Lívio Gemino, encarregado de inspecionar a via Ápia, por onde os cortejos fúnebres de Augusto e Tibério passaram. Lívio Gemino, depois de receber dinheiro de Calígula, jurou no Senado ter visto Drusila subir aos céus (SILVA, 2008, p. 17).
- 26 Juliana Figueira da Hora em sua tese de Doutorado *A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: Múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica* (2018) faz uma distinção relevante sobre *mimesis*, *imitatio* e *emulatio* ao discorrer sobre a absorção de elementos culturais na cerâmica produzida localmente e novo produto cultural que sai da fusão entre a cultura grega e a cultura local. Também Alicia Jiménez (2010, p. 38-63) apresenta um trabalho consistente sobre a temática relacionada à emulação de elementos culturais observados nas moedas da Província *Hispania*.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

- BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Trad. J. F. de Almeida. São Paulo: SBB, 1996.
- CICERO. **Epistulae ad Familiares**. D. R. Shackleton Bailey (ed.). Cambridge, 1977, I.3-20; Texts and Transmission, ed. Reynolds, (n. 26 above), p. 135-42.
- CICERO. **Epistulae ad Atticum**. Ed. D. R. Shackleton Bailey. Stuttgart: Teubner, 1987. 2 v.
- DÍON CÁSSIO. **Historia Romana**. Obra completa. Madrid: Editorial Gredos, 2004.
- FILO DE ALEXANDRIA. **Flaccus**. Trans. Charles Duke Yonge. 1855.
- FILO DE ALEXANDRIA. **The Works of Philo**. Trans. C. D. Yonge. Peabody: Hendrickson Publishers, 1993.
- FLAVIO JOSEFO. **Antiquitates Iudaicae**. Trans. R. Marcus. London: Harvard University, 1998.
- FLAVIO JOSEFO. **Bellum Iudaicum**. Trans. H. St. Thackeray. London: Harvard University, 1997.
- FLAVIO JOSEFO. **Vita**. Trans. S. Mason. Leiden: Brill, 2001.
- HORÁCIO. **Obras de Horácio**. Trad. José Augustinho de Macedo. Lisboa: Imprensa Régia, 1806.
- JUVENAL. **Satires**. Trans. Niall Rudd. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Delfim Leão, José Luís Brandão, Paulo Sérgio Ferreira, introd. geral, notas Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000. v. I; II.
- MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Delfim Leão, José Luís Brandão, Paulo Sérgio Ferreira, introd. geral, notas Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2001. v. III.
- MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Delfim Leão, José Luís Brandão, Paulo Sérgio Ferreira, introd. geral, notas Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2004. v. IV.
- PLÍNIO, O VELHO. **Naturalis Historia**. Paris: Librairie de Firmin Didot, 1855).
- PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS. **Epistulae**. Ed. H. Philip, M. Giebel, W. Kierdorf. Sämtliche Briefe. Stuttgart: Reclam, 2014.
- SENECA, LUCIUS ANNAEUS. **On Benefits**. Trans. Miriam Griffin, Brad Inwood. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2011.
- SUETÔNIO. **The Lives of Twelve Caesars: Life of Caligula**, 9.

## Bibliografia

AMANDRY, Michael; BURNETT, Andrew; RIPOLLES, Pere Pau. **Roman Provincial Coinage – RPC**. British Museum Press, 1992. v. I.

AMANDRY, Michael *et al.* **Roman Provincial Coinage – RPC**. New York: The American Numismatic Society, 2014. Suppl. 3.

ASHKELON. **Project on Ancient Cultural Engagement/Brill**. Arquivado do original em: 4 set. 2015. Recuperado em: 14 jul. 2014.

BASTIANINI, Guido. Lista dei prefetti d’Egitto dal 30a al 299p. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, v. 17, p. 263-321, 323-328, 1975.

BEN-SASSON, Haim Hillel. **A History of the Jewish People**. Harvard University Press, 1976.

BROWN, Raymond E. **The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in Matthew and Luke**. Doubleday & Company, 1977.

DAHMEN, Karsten. With Rome in mind? Case studies in the coinage of client kings. *In*: KAISER, Ted; FACELLA, Marguerita (eds.). **Kingdoms and Principalities in the Roman Near East**. Franz Steiner Verlag Stuttgart, 2010. p. 99-112.

DANDO-COLLINS, Stephen. **Caligula: The Mad Emperor of Rome**. Amazon, 2019.

EILERS, C. **Roman Patrons of Greek Cities**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

FEJFER, Jane. **Roman Portraits in Context**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2008.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. A moeda na Grécia Arcaica e Clássica – séculos VII a IV a.C.: Arqueologia e Mudança Cultural. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 14, p. 67-83, 2004.

GRUEN, Erich S. The Expansion of the Empire Under Augustus. *In*: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History 10**. Cambridge University Press, 1996.

HANSEN, William. **Classical mythology: a guide to the Mythical World of the Greeks and Romans**. Oxford University Press, 2004.

HORA, Juliana F. **A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: Múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica**. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2018.

HORST, Pieter Willem van der. **Philo’s Flaccus: the first pogrom: introduction, translation and commentary**. Leiden; Boston: Brill, 2003.

JIMÉNEZ, A. Reproducing difference: mimesis and colonialism in Roman Hispania. *In*: DOMMELEN, Peter Van; KNAPP, A. Bernard (eds.). **Material connections: mobility, materiality and Mediterranean identities**. New York: Routledge, 2010. p. 38-63.

KOKKINOS, N. **Antonia Augusta: Portrait of a Great Roman Lady**. Londres: Routledge, 1993.

LAFFER, Ken. **The alleged persecution of the Roman Christians by the emperor Domitian**. Thesis (Master of Arts) – Faculty of Community Services, Education and Social Sciences, Edith Cowan University, Perth, Western Australia, 2005.

LEON, Daniel W. The Face of the Emperor in Philo's Embassy to Gaius. **Classical World**, v. 110, n. 1, p. 43-60, 2016.

LOBIANCO, Luís Eduardo. **O Outono da Judéia (Séculos I A.C. – I D.C.)**. Resistência e guerras judaicas sob o domínio romano – Flávio Josefo e sua narrativa. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

MASON, Charles Peter Agrippa, Herodes I. In: SMITH, William (ed.). **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**, 1. Boston: Little, Brown and Company, 1867.

MESHORER, Ya'akov. **A treasury of Jewish Coins**. Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.

MESHORER, Ya'akov. **City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the Roman Period**. Jerusalém: Israel Museum, 1985.

MISANO, Marco. **Ancient Rome and Judea: Caligula and the Temple of Jerusalem**. Disponível em: <https://www.romanjews.com/ancient-rome-and-judea-caligula-and-the-temple-of-jerusalem/>. Acesso em: out. 2020.

MISANO, Marco. **Ancient Rome and Judea: Caligula's Jewish Embassy**. Disponível em: <https://www.romanjews.com/ancient-rome-and-judea-caligula-jewish-embassy/>. Acesso em: out. 2020.

MODRZEJEWSKI, Joseph. **The Jews of Egypt: From Rameses II to Emperor Hadrian**. Princeton University Press, 1997.

MURRAY, Alexander S. **Quién es Quién en la Mitología**. Madri: M.E. Editora, 1997.

NEGEV, A.; GIBSON, S. **Caesarea Philippi**: Archaeological Encyclopedia of the Holy Land. New York; London: Continuum, 2001.

NEGEV, A. *et al.* (eds.). **The Princeton encyclopedia of classical sites**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976.

PORTO, Vagner Carvalheiro. **Imagens Monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana**. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007. Tomo I.

PORTO, Vagner Carvalheiro. **Imagens Monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana**. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007. Tomo II.

PORTO, Vagner Carvalheiro Porto. Material Culture as Amulets: Magical Elements and the Apotropaic in Ancient Roman World. **Philosophy Study**, v. 10, n. 6, p. 492-502, 2020.

PURCELL, Nicholas. *Amicus Augusti*. In: THE OXFORD Classical Dictionary. 4. ed. Oxford University Press, 2012.

- ROSENBERGER, M. **City coins of Palestine**, v. 1. Jerusalem: The Author, 1972. (The Rosenberger Israel Collection).
- ROSENBERGER, M. **City coins of Palestine**, v. 2. Jerusalem: The Author, 1975. (The Rosenberger Israel Collection).
- ROSENBERGER, M. **City coins of Palestine**, v. 3. Jerusalem: The Author, 1977. (The Rosenberger Israel Collection).
- SALLER, R. P. Patronage and Friendship in Early Imperial Rome: Drawing the Distinction. *In*: WALLACE-HADRILL, A. (ed.). **Patronage in Ancient Society**. London: Routledge, 1989. p. 49-62.
- SCHÜRER, Emil. **Storia del popolo giudaico al tempo di Gesù Cristo (175 a.C.-135 d.C.) I**. Brescia: Paideia, 1985.
- SCHWARTZ, Daniel R. **Agrippa I: The Last King of Judaea**. Tubingen: J.C.B. Mohr, 1990.
- SCULLARD, Howard Hayes; LINTOTT, Andrew William. *Amicitia*. *In*: THE OXFORD Classical Dictionary. 4. ed. Oxford University Press, 2012.
- SILVA, Felipe; FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Calígula, loucura, tirania e poder, ou não? *In*: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; PORTO, Vagner Carvalheiro (orgs.). **Imperadores Romanos: de Augusto a Marco Aurélio**. LABHAM/UFPI; LARP/MAE/USP, 2019. p. 71-95.
- SILVA, Frederico De Sousa. **Apocolocintose do Divino Cláudio**: tradução, notas e comentários. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
- SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. *Mishnah*. *In*: ENCYCLOPAEDIA Judaica. 14. 2 ed. 2007.
- VASCONCELOS, Ivan Grecco de. **A Memória Triunfal Augustana**. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2021.
- VERBOVEN, Koenraad. Friendship among the Romans. *In*: PEACHIN, Michael (ed.). **The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World**. 6<sup>th</sup> Sunday of Easter. Guent University, 2011. p. 1-24.
- VERBOVEN, Koenraad. **The Economy of Friends: Economic Aspects of Amicitia and Patronage in the Late Republic**. Brussels: Latomus, 2002.
- WOOD, Susan. Diva Drusilla Panthea and the Sisters of Caligula. **American Journal of Archaeology**, v. 99, n. 3, p. 457-482, 1995.